

RABETTI, Maria de Lourdes. (Beti Rabetti). **Representatividade, diferença e desigualdade**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; professora aposentada, quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, vinculada ao PROPAP. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei; professora visitante, vinculada ao PPGAC. Pesquisadora do CNPq; bolsa PQ – 1A. Dramaturgista e tradutora.

RESUMO: Representatividade, diferença e desigualdade é texto produzido para comunicação no dia 15 de outubro de 2018 na mesa de abertura do X Congresso da Abrace, intitulada Celebrando a Diversidade, composta por ex-presidentes (com Armindo Bião representado por Sérgio Farias) e mediada pelo presidente Robson Haderchpek. Na qualidade de presidente da quarta gestão Abrace (Rio de Janeiro: UNIRIO, 2004-2006), tendo como pontos de partida esse lugar de fala e, sobretudo, minha formação como historiadora e pesquisadora da história do teatro, tratei o tema da representatividade no esteio de tensões entre diferença e desigualdades, em abordagem histórica que permitisse, de modo breve, percorrer alguns momentos do passado da Associação, e, sobretudo, pensá-la, sob o ângulo escolhido no momento presente.

PALAVRAS-CHAVE: representação, diversidade, homogeneização, diferença, celebração

Representativeness, difference and inequality

SUMMARY: Representativeness, difference and inequality is a text produced for a presentation made on October 15, 2018 at the opening panel of the 10th Abrace Congress entitled Celebrating Diversity, composed of former presidents (with Armindo Bião represented by Sérgio Farias) and mediated by President Robson Haderchpek. As president of the fourth Abrace administration (Rio de Janeiro: UNIRIO, 2004-2006), starting from this place of speech and, above all, from my training as a historian and researcher in the history of theater, I dealt with the theme of representativeness in the context of a tension between difference and inequalities, in a historical approach that would briefly allow us to go through some moments of the past of the Association and, above all, to think about it, from the angle chosen at the present moment.

KEY WORDS: representation, diversity, homogenization, difference, celebration

O lugar da celebração é sempre um lugar de risco, não menor que o da representação.

É deste lugar de risco – o da representação frente à diferença e à desigualdade – que teço algumas brevíssimas considerações como ex-presidente da Abrace (na quarta gestão, a do Rio de Janeiro, de 2004 a 2006), pois lugar de representação também é o da presidência de uma associação como a nossa, de espectro mais amplo, se pensarmos a coordenação de um Programa de Pós-Graduação, entre os tantos que a Abrace acolhe e também representa, mas ainda assim de pequeno porte; se pensarmos de modo mais abrangente para as instâncias de representatividade na universidade, para não falar no país – e torna-se impossível não pensar nele, na conjuntura deste momento –, e em suas relações com nossa história de mais longa duração. Impossível, ou nada razoável, sob pena de toda palavra aqui e hoje ressoar em grave gratuidade.

Esse o mote de minha fala neste momento de encontro tão significativo para a Abrace e, ao mesmo tempo, tão desesperador para o Brasil. Nesse sentido e nesse contexto, celebrar não seria aqui promover louvores, mesmo reconhecendo a importância indiscutível de nossa Associação e de tão interessante direcionamento para o seu X Congresso. Minha fala deseja, sobretudo, pensar o espaço da associação e, nele, o da representação, como espaço histórico, crivado por processos de transformações, revisões, atualizações; processos vivos em suas contradições.

Vamos, porém, nos empenhar para pensar um pouco mais especificamente o lugar da presidência da Abrace, de início como espaço de representação. E não sem antes lembrar, minimamente, a sugestiva denominação de nossa Associação – inalterada desde sua fundação, em 1998 –, Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas, que então se abria, já em seu nome, também para a pesquisa fora da pós-graduação. Uma primeira aragem, simples e básica já soprava – mas feita traço demarcado na intitulação – como

hipótese ou desejo de abertura para acolhida de outras instâncias diferenciadas... sugestivas de diferenças.

E digo logo que essa sinalização inicial que quis fazer – e que sugere um modo de pensar, e de falar, que remete a inícios, origens – indica o pressuposto de que ninguém se pode livrar, em qualquer instância de representação, de seus dados pessoais, os formativos, especialmente. Se assim é, então a questão talvez esteja em os declarar e não camuflar. Minha formação em história (determinante, mesmo quando encaminhada para a história do teatro) me leva a pensar, também, com relação ao tema da diversidade em suas relações com a representação – e a desigualdade –, em processos históricos, em percursos; em fluxos de continuidade e de alterações, mas também em momentos emblemáticos da história de 20 anos de nossa Associação. Vinte anos durante os quais, acredito poder dizer, ainda que nem sempre como tema explicitamente colocado, a questão esteve presente, de diferentes modos. E que, agora, no entanto, transcorrido esse tempo, num contexto mais amplo em que a questão emerge, social e politicamente transbordante, se traça na evidência de uma diversidade a ser celebrada, no momento em que esses mesmos 20 anos são comemorados. Fazem jus, portanto, o tema e a programação do X congresso da Associação, a sua própria história, concebendo o título **ABRACE 20 ANOS: Celebrando a Diversidade**, e que, a meu ver, poderíamos grafar **Abrace: 20 anos celebrando a diversidade**.

Demarcada a historicidade da questão no seio da história da Associação, voltemos ao problema da historicidade da representação, na perspectiva em que a estamos tomando. É que a historicidade presente nesse sentido da representação permite verificar ser tão mais significativo o teor da representatividade alcançada quanto mais for o lugar da representatividade compreendido como lugar de tensões e não de acomodações – sobretudo aquelas vividas na carne pelo próprio representante que se quer representante não apenas de seu campo de formação, das suas e das ideias de seu grupo. É exercício de equilíbrio precário, quase esquizofrênico, o de representar o que não é propriamente seu, não é exatamente o mesmo de si – necessário todavia. As diferenças são reais; que não se imagine uma comunidade consensual ideal e permanente no tempo e no espaço do exercício de uma

representação. Assim, é preciso, primeiro, **falar sobre a diferença**, admitir que ela exista. Depois, para que a “acolhida” do diverso seja efetiva – e para sua confirmação na diversidade –, é preciso haver percepção que possa distinguir a **igualdade das diferenças, nas diferenças**, e não se deixar embaçar por aparente diluição idealizada, capaz de descambar em autoritário e perverso lodo homogêneo que termine por confundir o que **se quer** diverso.

E antes de falar a respeito do exercício da presidência da Associação, função representativa que desempenhei imediatamente após coordenar o Programa de Pós-Graduação em Teatro da UNIRIO (1999- 2001) e presidir a Abrace (2004 – 2006), resgato, desrespeitando a cronologia, exercício dos mais difíceis para um historiador, a experiência de representação da área de artes cênicas no Comitê do CNPq: ali, de fato, a percepção do mérito nas diferenças foi fundamental, foi caminho a perseguir do início ao fim do “mandato” (2007-2010).

E como não me ver, por exemplo, representando grupos, ou minha própria universidade? era o que me perguntava diariamente, a cada avaliação ou julgamento. E respondia: não! Estou aqui na qualidade de representante da subárea do conjunto das artes cênicas, portanto, diante de um leque de diversidades. E, lembre-se, naquela ocasião, pela primeira vez, não éramos suplentes, mas membros titulares do Comitê Artes/Música, por sua vez parte de um comitê que abarcava ainda outras duas áreas. Refiro aqui tais círculos de vinculações para, no emaranhado em que se configura tal representação, contribuir para a percepção da qualidade dos critérios, de autonomia e de excelência, que, nesse arco de diversidades, necessariamente deveriam ser os paradigmas da avaliação; da compreensão das diferenças.

Por isso compreendo que a legitimidade do exercício da representação não decorre apenas ou substancialmente do fato de ser uma representação de pares, mas também uma representação do que me é diverso; no caso referido, buscando um padrão de excelência que não se reduza à homogeneização, mas que possa, se necessário, enfrentar também adversidades.

Pois na Abrace, com a Abrace, não terá sido diferente. Lembro-me de alguns momentos de discussão interminável, por exemplo, sobre modelo de

comunicação a ser submetido tendo em vista, pelo menos dois campos diferenciados, e compreendidos como teórico e prático. Lembro-me de em sucessivas gestões discutirmos o sentido e o mérito de acolhida de comunicações de iniciação científica, tendo em vista o estágio ainda inicial da formação do pesquisador graduando; e com apelos a méritos que muitas vezes poderiam, em nome de um núcleo de excelência, acantonar a possibilidade formadora dos encontros bienais, com sua preparação anterior, em etapas formativas no exercício da pesquisa. E sabemos, ainda hoje, como o estabelecimento de critérios de avaliação e qualificação, necessários e fundamentais, se situam, também eles, na linha de risco de que padece toda normatização ao querer ser representativa de excelência, pretendendo, simultaneamente percebê-la na diversidade dos pesquisadores, das linhas, dos projetos envolvidos.

Se a excelência dá um trabalhão, também o faz a representatividade em seu sentido mais largo e democrático.

Esse a meu ver é um dos pontos cruciais da discussão da diversidade – mesmo em momentos celebrativos – numa associação de pesquisadores em artes: como enfrentar a questão da excelência (mas o que é mérito, em si?) levando em conta o universo plural, contraditório, sob muitos aspectos imponderável e inalcançável, da pesquisa em arte? Impossível? Creio que não; mas certamente tarefa árdua, com a qual ainda nos vemos envolvidos.

Restaria reiterar o que todos sabemos: a grandeza de uma associação de pesquisadores vale ser celebrada ainda que seu olhar e suas ações não se bastem em olhar para os cumes da excelência, que devem ser trilhados, mas se direcionem simultaneamente para a contemplação das diferenças, na largueza de se abrir para a realidade de um país em que a arte poderia até ser dispensável se não estivesse tão comprometida com a própria diversidade, que historicamente entre nós, mais do que nunca, se confunde, e de modo trágico, com a desigualdade.

Por fim, a perspectiva da historiadora do teatro quer também trazer um dado mais pontual. No último congresso da Abrace, em 2016, na UFU, em Uberlândia, durante as discussões finais do GT História das Artes do

Espetáculo, a que pertencço desde sempre, sobreveio um dado muito interessante a respeito do lugar dedicado aos estudos históricos do teatro – lugar historicamente tão importante se observarmos alguns trajetos de constituição de programas de pós-graduação e de inúmeros trabalhos de pesquisa de autores brasileiros – no espaço do congresso nacional da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, levando à constatação de que esse lugar se reduzira muito com o correr dos anos. A partir dessa discussão, compartilhada por vários colegas, propus, e estamos realizando na terça-feira pela manhã, uma mesa temática, estimulada por uma colocação da Capes em seu último relatório de avaliação e em que se busca estabelecer diferença entre historiador da arte e historiador de ofício (Documento de Área – Área 11 – Artes/ Música” (2016, p.71),¹ mesa voltada justamente para apresentar – e submeter à discussão de colegas interessados – modos de entender a **diferença**, considerada por meios **diferentes** de pesquisar historicamente o teatro no Brasil: Teatro e história: o ofício e a arte.²

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou O ofício do historiador**. Tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Documento de Área – Área 11 – Artes/Música (2016).
http://www.capes.gov.br/images/documentos/Documentos_de_area_2017/11_a_rte_docarea_2016.pdf. Acesso em 17.5.18.

Programa Fortalecimento da Pós-Graduação Stricto Sensu: Professor Visitante.
São João del-Rei. Universidade Federal de São João del-Rei.

¹ Esse documento, entre outros, foi exaustivamente discutido com a coordenação e alguns professores do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei durante 2018, resultado de ação prevista em meu Plano de Trabalho como professora visitante junto à instituição, no seio do “Programa Fortalecimento da Pós-Graduação Stricto Sensu: professor visitante” (2017). Destaque-se, dentre as várias ações propostas e aprovadas, a contribuição para o estabelecimento de um Acordo de Cooperação entre UNIRIO e UFSJ.

² Entendemos como extremamente sugestiva a comparação proposta – e disso tratamos na mesa temática referida – em sua possível relação com o historiador bastante conhecido entre nós, Marc Bloch (ver **Apologia da história ou O ofício do historiador**; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schawrcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001).

https://ufsj.edu.br/portal2_repositorio/File/prope/editalprofessorvisitante.pdf.

Acesso em 12.11.2018